


Tema: Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto					Âmbito: n.a.	Tiragem: 61519
Título: Empresa portuguesa investe 20 milhões em linha de produção de screwcap					Temática: n.a.	
2006/04/09	PUBLICO – Domingo	Pág.50	Imagem: 1/2		Periodicidade: n.a.	Inv.: n.a.

Empresa portuguesa investe 20 milhões em linha de produção de *screwcap*

Américo Coelho Relvas é a primeira empresa portuguesa a produzir o vedante alternativo à cortiça. Montez Champalimaud vai passar a usar cápsula de rosca em todos os seus vinhos. Grandes empresas do sector já exportam milhões de garrafas vedadas com *screwcap*. Por Carlos Romero

O mais temido vedante alternativo à rolha natural, a cápsula de rosca ou *screwcap*, vai atacar em força, já este ano, o mercado português de vinhos. A empresa Américo Coelho Relvas, de Santa Maria da Feira, especializada na cobertura de gargalos de garrafa com estanho e materiais plásticos, está a investir 20 milhões de euros naquela que será a primeira unidade portuguesa dedicada ao fabrico de cápsulas de rosca, destinadas preferencialmente à exportação. O processo de instalação de tecnologia norte-americana está em curso, esperando a empresa concluir a primeira fase do investimento ainda este mês, o que lhe dará uma capacidade de produção de 30 mil cápsulas/hora.

Nuno Ferreira, responsável da empresa, adiantou ao PÚBLICO que a decisão de investir na produção de *screwcap* resultou da pressão de clientes estrangeiros, sobretudo do mercado australiano. “A Austrália, um dos países, com a Nova Zelândia, onde surgiu a vaga de adesão ao *screwcap*, é um dos nossos mercados de eleição e levou-nos a aderir ao novo vedante, sob pena de perdemos quota de mercado”, explicou Nuno Ferreira. A empresa portuguesa, “de acordo com informações recolhidas” junto dos mercados de exportação, espera que o *screwcap* “tenha um incremento muito forte” nos próximos tempos. A Coelho Relvas foi fundada em 1982 e exporta cerca de 70 por cento da sua produção. Dedicou-se também, até aos anos oitenta do século passado, ao negócio da cortiça, segmento que, entretanto, se autonomizou numa outra empresa controlada por familiares, a Relvas Cortiça.

Montez Champalimaud adere ao *screwcap*

Um outro sinal do “ataque” do vedante alternativo no mercado português vai aparecer dentro de dias, através do anúncio público de adesão ao *screwcap* por parte da Montez Champalimaud. A empresa duriense tenciona selar toda a sua gama de vinhos com a nova cápsula de rosca, a começar, para já, num verde branco (*Paço de Teixeira*) e a acabar nos dois tintos do Douro que produz (*Quinta do Côito* e *Grande Escolha*). Os *screwcap* estão a ser fornecidos

à Montez Champalimaud pela importadora CIC – Comércio Internacional de Cápsulas, representante em Portugal da líder mundial de vedantes sintéticos, a Global Cap, controlada pela multinacional italiana Guala Closures (um potentado com 21 fábricas de *screwcap* espalhadas pelo Mundo, 2000 trabalhadores, 5,5 mil milhões de cápsulas produzidas por ano e um volume de negócios de 231 mil milhões de euros).

Vasco Coutinho, director-geral da empresa do Douro, revelou ao PÚBLICO que a empresa não deu este passo “sem uma profunda avaliação técnica”, cujos resultados são resumidos pelo enólogo da firma, de formação australiana, Manuel Lobo: “Para nós, é ponto assente que o melhor vedante que está no mercado é o *screwcap*, para qualquer tipo de vinho”. Os dois responsáveis falam na incidência de “problemas de rolha” em “cinco a dez por cento” dos vinhos da empresa, com maiores percentagens a atingirem os brancos. Vasco Coutinho classifica a decisão como “mais um acto de coragem” da empresa liderada por Miguel Champalimaud. A Bacalhoa Vinhos de Portugal vai avançar com uma nova marca sem rolha, o Dogma 2005, noticiou ontem o *Expresso*.

Novo vedante ganha quota na exportação

A dar os primeiros passos no mercado interno, o novo vedante sela já vários milhões de garrafas por ano de vinho português destinado à exportação. A CIC, representante em Portugal da Global Cap, tem no seu *portfolio* de clientes grandes empresas como a Sogrape, a José Maria da Fonseca, as Caves Dom Teodósio, os Vinhos Borges, as Caves Messias ou a Adega Cooperativa de Murça. A Sogrape diz não ter, “de momento”, uma atitude “pró-activa de promoção do *screwcap*”, mas está preparada para “responder às necessidades e desejos do consumidor” e usa o novo vedante em 8,2 por cento do vinho que exporta (seis por cento em vinhos com marcas próprias de distribuidor e o grosso do restante em Mateus Rosé para mercados específicos); a José Maria da Fonseca passou há pouco tempo a utilizar cápsula de rosca em

toda a gama Lancers, mesmo na destinada ao mercado português; as Caves Dom Teodósio exportam por ano três milhões de garrafas com o vedante alternativo para a rede de distribuição inglesa Tesco, e só não avançou com o *screwcap* no mercado interno por recear a reacção de consumidores “tradicionalistas e conservadores”.

Como corolário deste processo, todas as grandes vidreiras instaladas em Portugal estão já a preparar linhas de produção para o fabrico de garrafas com especificações apropriadas para o novo vedante. ■



O último modelo de *screwcap*, o WAK, esconde a rosca e aproxima-se do aspecto visual da garrafa tradicional

BREVE HISTORIAL DO SCREWCAP

Anos 1970 – Primeiras experiências com screwcap na Europa.

Anos 1980 – Companhias aéreas começam a utilizar o novo vedante em garrafas de pequena capacidade.

Anos 1990 – Mercado norte-americano começa a dar primeiros sinais de interesse pela cápsula de rosca.

Ano 2000 – Início das vendas no mercado australiano. Em poucos anos, a quota do screwcap nos vedantes salta para os actuais 50 por cento. Hoje, não há praticamente nenhum enólogo que não defenda o novo vedante, embora as direcções comerciais das empresas de vinhos da Austrália continuem, para mercados de exportação mais "conservadores", a impor o vedante de cortiça.

O caso neozelandês – Nova Zelândia faz as primeiras encomendas de screwcap em 2001. Em Dezembro de 2002, a quota do novo vedante subia aos 14,4 por cento, em finais de 2004 passava para os 32 por cento e, no ano seguinte, "explodia" para os 72 por cento. Hoje, o screwcap é rei incontestado, calculando-se que sele mais de 90 por cento das garrafas de vinho.

Suíça, Áustria, Japão e países escandinavos, para além de países novos produtores, como o Chile, estão a mostrar apetência pelo produto alternativo à cortiça.

“Um vinho de qualidade continua associado à cortiça”

A directora-geral do Centro Tecnológico da Cortiça não reconhece superioridade à screwcap, quando comparada com a rolha natural. Os defeitos e inconvenientes do novo vedante vistos à lupa pela responsável da instituição que mais estuda a cortiça em Portugal.

“Os consumidores preferem os vinhos selados com rolha de cortiça porque associam à imagem de um bom vinho um produto natural, amigo das pessoas e do ambiente.”

É esta a convicção de Alzira Quintanilha, directora-geral do Centro Tecnológico da Cortiça (CTCOR), instituição que lidera, em Portugal, a investigação sobre o produto natural extraído do sobreiro e que tem vindo a desenvolver uma série de estudos e programas para melhorar a performance da cortiça nas suas múltiplas aplicações, e em particular como vedante de vinhos. A directora-geral do CTCOR conhece os avanços dos vedantes sintéticos como produtos alternativos à rolha natural, mas continua a confiar na superioridade da cortiça. E tem, sobre a alternativa mais conceituada e badalada, o screwcap, muitas dúvidas quanto à sua superioridade e algumas certezas acerca dos danos ambientais que a sua massificação industrial provocaria.

Antes de mais, Alzira Quintanilha sublinha os factores culturais e históricos presentes na cortiça e completamente ausentes no screwcap: “Todas as grandes empresas de vinho no Mundo fizeram as suas marcas usando rolhas de cortiça ao longo de muitos anos. Continua a associar-se um vinho caro e de qualidade a um vedante natural”. Para a responsável do CTCOR, uma das explicações para o aparecimento dos vedantes sintéticos é de ordem puramente económica e situa-se nos países novos produtores, sobretudo na Austrália e na Nova Zelândia: “Custa a países modernos e tecnologicamente avançados estarem dependentes dos corticeiros portugueses e dos países mediterrânicos, cuja imagem nem sempre é a melhor”, refere. Com o screwcap e outros vedantes sintéticos, os novos pro-

dutores tentam sacudir a dependência dos países do Sul, controlar a totalidade do processo e, sobretudo nos vinhos de grande produção, reduzir substancialmente os custos industriais (uma rolha média custará à volta de 25/30 céntimos, cinco vezes mais do que uma cápsula de rosca).

A questão ambiental é, segundo Alzira Quintanilha, um dos aspectos em que a superioridade do vedante natural é mais evidente. A cortiça, defende a técnica do CTCOR, “é amiga do ambiente, promove a sustentabilidade da terra e dos ecossistemas”. Pelo contrário, assevera, as explorações mineiras de estanho e de alumínio, dois dos produtos usados no fabrico de cápsulas de rosca, “provocam danos enormes e irreversíveis na natureza”. De resto, “todos os vedantes sintéticos, sem excepção, são inimigos da natureza”, sentencia.

Cortiça, screwcap e oxidação virtuosa do vinho

Mas é na frente técnica que se concentram as polémicas maiores no mundo dos vedantes para vinhos. São problemas técnicos relacionados com o comportamento irregular e nem sempre brilhante da cortiça que têm, para além da questão do preço, levado muitos produtores e enólogos a abandonar a cortiça e a optar pelo screwcap. Alzira Quintanilha admite que a cápsula de rosca possa ter sucesso nos brancos e nos vinhos de grande rotação, mas “nos vinhos tintos é ainda muito duvidosa a utilização de screwcap”, até em países onde o novo vedante está a ter grande êxito, como na Austrália ou na Nova Zelândia. Mesmo

nos brancos, o novo vedante apresenta problemas, ao desenvolver “aromas de redução, de couve e borracha queimada, bem piores do que os aromas a mofo” muitas vezes associados à cortiça.

Acusada de provocar oxidações descontroladas – para além do “sabor a rolha” decorrente do famoso TCA (tricloroanisole) –, a rolha de cortiça, contudo, se for “de boa qualidade”, apresenta, segundo Alzira Quintanilha, características

impossíveis de repetir pela screwcap no envelhecimento virtuoso do vinho. Uma das mais importantes tem a ver com as “microtrocas gasosas” proporcionadas pela cortiça entre o interior e o exterior da garrafa, “completamente diferentes” das asseguradas pela cápsula de rosca. Apesar da permeabilidade de uma boa rolha de cortiça ser semelhante à da screwcap, a directora do CTCOR salienta que não conhece um único caso de aromas de redução saídos de vinho vedado com rolha natural, ao contrário do que acontece com as cápsulas de rosca, que têm no desenvolvimento desses odores sulfídricos o seu principal calcanhar de Aquiles. O que significa que estamos perante “vedantes diferentes”, com efeitos desiguais no desenvolvimento do vinho em garrafa.

Para evitar maus cheiros, os produtores de vinhos selados com screwcaps necessitam de cuidados enológicos muito maiores e todo o processo de engarrafamento, transporte e armazenamento requer um “controlo apertadíssimo”, salienta a técnica do centro tecnológico corticeiro, que encara isso como mais uma desvantagem do novo vedante. ■ CARLOS ROMERO



A FAVOR DA ROLHA

ANTÓNIO SOARES FRANCO, administrador da José Maria da Fonseca

“Só pensamos usar screwcap com o Lancers porque estamos muito satisfeitos com uma nova tecnologia de rolha para os outros vinhos. Usamos a rolha 1+1 (aglomerado de cortiça com rodela de cortiça natural nas duas extremidades) e não temos tido problemas: em mais de 15 milhões de garrafas só tivemos uma reclamação.”

“Há empresas de rolhas que não gostam de trabalhar com a José Maria da Fonseca porque, para além do controlo de qualidade feito por eles, nós também controlamos o vedante. Chegamos a mandar para trás quase dois milhões de rolhas por ano.”

“O screwcap funciona muito bem em vinhos de rotação rápida, mas, para vinhos de guarda, tenho a maior das dúvidas. A micro-oxigenação é necessária ao envelhecimento e eu acho que o vinho selado com screwcap fica completamente hermético dentro da garrafa.”

A FAVOR DA SCREWCAP

MANUEL LOBO, enólogo da Montez Champalmaud

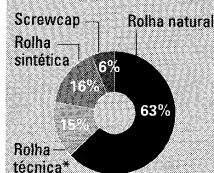
“Nos vinhos brancos, chegamos a ter oito por cento de problemas derivados da cortiça. Se a reacção do mercado ao screwcap não for boa, poderemos manter a cortiça como vedante, mas nessa altura não vamos aceitar reclamações por causa da rolha.”

“Quando se provam dez garrafas de vinho vedadas com rolhas do mesmo lote, os vinhos são todos diferentes. Com screwcap, as diferenças são mínimas e praticamente não se detectam.”

“Está mais do que provado que os vinhos não precisam de oxigénio para envelhecer. As reacções que provocam o envelhecimento ocorrem em ambiente redutor e resultam da polimerização dos taninos, das antocianinas. De qualquer modo, há testes feitos que nos dizem que o screwcap também permite micro-oxigenações, em níveis constantes e semelhantes aos das boas rolhas de cortiça.”

CORTIÇA LIDERA

Mercado mundial de vedantes para vinho



Total 20 mil milhões de garrafas vedadas em 2005

*Produzida a partir de aglomerado de cortiça, com ou sem rodela de cortiça natural nas extremidades

Fonte: Wine Business Monthly

Mercado mundial de vedantes para vinho (2005)

Número global de garrafas	20 mil milhões
Rolha natural	63%
Rolha técnica*	15%
Rolha sintética	16%
Screwcap	6%

*rolha produzida a partir de aglomerado de cortiça, com ou sem rodela de cortiça natural nas extremidades

Fonte: Wine Business Monthly

